

Porque não creio



«Não acredito em Deus, assim como não acredito no homem de outro planeta. Eu preciso de provas científicas para isso».

Iniciamos neste número a nossa pesquisa — que publicaremos em duas partes — feita entre os jovens sobre o problema da fé. Nesta primeira parte, focalizamos os motivos de quem não crê.

Hoje em dia, muitas vezes, as pessoas já nem querem mais falar de Deus. Em suas conversas, devem evitar qualquer aceno a realidades transcendentais para não serem classificadas imediatamente como “carolas” ou “quadradas”. Com isso, há quem seja influenciado e diga: «Não creio, porque acho que isso é coisa do passado, não sei para quê serve Deus». (*Mônica*, 17 anos) Ou ainda: «Não creio porque não sou alienado». (*Roberto*, 19 anos).

Porém ainda existe aqueles que — no desejo de ser coerente — admitem que devem considerar a idéia do absoluto; deste absoluto que emerge sempre e não se deixa sufocar, como é comprovado inclusive pela história dos últimos dois mil anos.

«Não creio e pronto!»

Dentre os que negam a existência de Deus, há várias categorias, isto é, parece ser possível atualmente apontar, com base em conversas com os jovens, quais são os motivos de sua falta de fé. Há, por exemplo, aqueles que não se interessam pelo fato e afirmam: «Nunca tive fé e não sinto falta de nada, não sinto solidão. Não vou em busca de Deus porque a própria história me levou a não crer nele». (*Anselmo*, 21 anos).

Os jovens têm uma grande exigência

A rejeição do “um”

Perguntamos ao professor José Maria Zanghi, diretor da revista cultural “Nuova Umanità”, quais são, na sua opinião, as causas que provocaram o fenômeno do ateísmo no mundo ocidental.

É muito difícil classificar um fenômeno tal como o ateísmo. Teoricamente o ateísmo consiste em não se aceitar a existência de um princípio absoluto transcendente. Assim, quando às vezes se diz: “Eu não acredito em Deus, mas creio nos valores”, já não se pode falar propriamente de ateísmo. O ateísmo como atitude generalizada, como fato cultural, é um fenômeno muito recente, principalmente no mundo ocidental. Hoje se fala de uma falta de perspectiva para o futuro. Quais os motivos que levaram a cultura ocidental a tomar esta direção?

O grande problema com que o homem sempre se defrontou é o problema do absoluto. Sente-se a necessidade de um absoluto que possa “unificar” a experiência da “multiplicidade” em que a humanidade mergulhou. O problema do absoluto, desde a antiguidade, se colocou como o problema do “um” e dos “muitos”. O “um”, por necessidade lógica, foi concebido como “transcedente” com relação à “multiplicidade” (dou um exemplo simples: dizendo a palavra “árvore” eu tomo vários elementos — tronco, raízes, ramos, folhas, flores, frutos — e os unifico em um só significado, o de “árvore”). Ao mesmo tempo o homem advertiu que, entre o “um” que ele pensava e os “muitos”, havia uma espécie de incompatibilidade subjacente (justamente porque o “um” em si, por definição, não é “múltiplo”; e portanto negaria a multiplicidade, e vice-versa).

Esta posição implícita (ou o “um” ou os “muitos”) aparece com evidência nas culturas clássicas, cuja expressão mais elevada era o sacrifício (humano, animal ou vegetal), isto é, a destruição de algo, ato com o qual se afirmava que somente o “um” existe, nós não existimos. Poderíamos dizer portanto que as culturas clássicas, para salvar o “um” (isto é, o sentido da vida), quase sempre sacrificaram o “múltiplo”.

Na cultura moderna nota-se um processo inverso, que Goethe exprimiu muito bem com a frase: “Não compreendo como pode existir Deus, se eu existo”. O problema é basicamente o mesmo: ou Deus (entendido ainda como o “um” que não admite diferenças dentro de si) ou eu, isto é, nós (o “múltiplo”, a diversidade). A cultura ocidental humanista se construiu em base à descoberta do valor deste “nós”, dos “muitos”. Nasceu, por exemplo, a democracia (anteriormente, ela não tinha sentido, porque o “um” absoluto se impunha também no campo social sobre os “muitos”, na figura do imperador). Agora, para salvar os “muitos” sacrifica-se o “um”. Melhor seria dizer, entretanto, que o “um” foi absorvido nos “muitos”. A exigência de um absoluto, de fato, permaneceu (tomando outros nomes: progresso, culto às ciências, a matéria a ser transformada, etc.); e estes valores, absolutizados, se tornaram também eles destrutivos do “nós” (a ciência que cria a bomba atômica, o desenvolvimento tecnológico que traz problemas ecológicos, etc.), tal como o “um” absoluto conduzia, na antiguidade, ao sacrifício dos “muitos”.

Assim colocado, o problema não tem solução. O conflito entre o “um” monolítico e o “nós” permanece insuperável. O ateísmo é a única saída possível e lógica

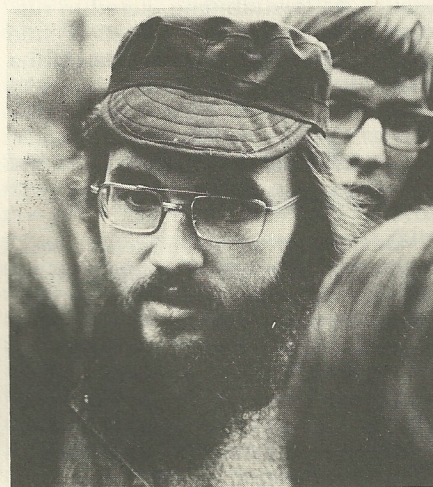
para uma cultura como a ocidental que, em sua evolução histórica, descobriu sempre mais o valor dos “muitos”. Diante da alternativa: ou o “um” ou o “nós”, escolhe evidentemente o “nós”.

Mas este modo de se compreender o “um”, como aquilo que em si mesmo não é múltiplo, foi superado no cristianismo. De fato o “um” que Jesus revela é, em si mesmo, Trindade: um Deus que convida o homem a existir realmente de maneira distinta dele, mas a Ele unido, porque Deus é unidade e trindade. O homem pode ser realmente distinto e, ao mesmo tempo, unido a Deus, porque Deus não é o “um” monolítico que não admite, em si, diversidade. Estabelecer relacionamento com Deus significa entrar no jogo trinitário, de uma Trindade que é amor. Com Jesus, a época do sacrifício se encerra no sacrifício que Ele faz de si mesmo, abrindo-se a época do amor. Com Jesus crucificado superou-se o “um” anterior, o “um” monolítico, fruto do modo ofuscado (pelo pecado) com que os homens olhavam Deus, e se abre definitivamente uma nova era, dada pela revelação do “Um-Trindade” que é amor. Não há mais pretexto possível para o “um” absoluto de antes.

Como o humanismo ocidental não compreendeu a novidade trazida pela Revelação, não conseguiu abrir caminho para o absoluto. Por isso desembocou no ateísmo. Isto se deve também, em grande parte, ao fato de nós cristãos não termos sido capazes de apresentar de modo convincente o Deus uno e trino, de Cristo. É um fato dramático, mas o problema do ateísmo depende de nós. Ele pode ser resolvido somente se nós cristãos formos capazes de “nos organizar” entre nós de modo que a nossa convivência demonstre, torne visível o Deus-Amor em que acreditamos. “Pai, que sejam um para que o mundo creia”; “disto reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.

José Zanghi

de autenticidade e por isso a não coerência de muitas pessoas que se dizem cristãs mas não agem como tal é motivo de grandes desilusões... «Desde pequena, apesar da formação religiosa que tentaram me dar, sempre notei um enorme contraste entre as ações das pessoas e aquilo que elas dizem; não existe coerência e, com isso, eu nunca fui capaz de crer, nunca consegui acreditar em suas palavras». «Não sei por que tanta gente vai à Igreja e quando sai de lá nem quer saber o que está se passando com o outro, e é comum a gente ouvir: “Está com fome? Por que não vai trabalhar?” A meu ver, esses não são cristãos e, para não ser mais um deles, prefiro ficar no meu cantinho mesmo, sem crer».



«Deus é uma invenção»

Deus é ainda apresentado como opressor, que pune aqueles que não agirem de uma maneira ou de outra. Inês, 18 anos, disse: «Em casa, meus pais sempre me disseram: “Não faça isso, menina, não vá àquela festa, não fale essas coisas. Olha que Deus castiga, hein?” Assim, eu sempre considerei Deus como um ser que exige e reprime se não fizermos as coisas exatamente conforme suas ordens. Como é possível crer-desse jeito?».

«Deus é uma invenção» é a opinião de um tipo de jovem que afirma estarem na própria razão as motivações de sua negação de Deus. «Sou materialista e acho que a sociedade é movida



Porque não creio

pelas idéias dos homens e pelos recursos econômicos. Não acredito em Deus assim como não acredito no homem de outro planeta. Eu preciso de provas científicas para isso». (Mônica, 23 anos). «Não creio porque ninguém, por mais que tenha estudado, pode ter certeza de como tudo começou, nem de como vai acabar... Deus não existe!».

«Creio na Cássia, na Ana, em mim...»

Em contraposição a estes, existem aqueles que acreditam que deve haver algum ser transcendental que responda às suas exigências e diminua o seu mal-estar, mas não seja relacionado à Igreja. «Tenho necessidade de crer num Ser Superior — disse Ricardo, 21 anos — as coisas são muito perfeitas para terem a inteligência humana como fonte criadora». A este respeito, existe uma opinião quase maciça dos jovens que aceitam a crença no homem, em sua força, em suas capacidades, naquilo sobre o qual é possível ter um controle. Rosa, 18 anos, afirmou: «Deve haver uma energia que está diretamente ligada a nós, está em nós, e nos ajuda a tomar decisões, a fazer coisas boas, uma energia que nos dá vontade de viver, de produzir alguma coisa e não passar despercebidos por aqui».

Esse acreditar no homem também é muito relativo e variado: «Creio no homem em si, seja quem for, creio em mim, na Cássia, na Ana... Temos defeitos? Erramos? Somos motivo de desilusão? Paciência! Creio no homem!» (Eliana, 23 anos).

Para passar da crença no homem para os seus valores, não é preciso muito esforço: «Creio no verdadeiro relacionamento que muitas vezes surge em nossos ambientes, com colegas que têm o sentido da solidariedade... Acho

«Se Deus é amor...»

A

o entrevistar grupos de jovens que declararam não acreditar em Deus, surgiu um debate tão interessante que também o entrevistador foi solicitado e envolvido. Eis alguns momentos deste diálogo:

— Deixei de acreditar em Deus — diz Paulo (20 anos) — quando percebi que ele não influiu mais sobre mim. Deus, como todo mito, existe enquanto tem gente acreditando nele. Ensinaram-me que Deus é uma entidade que influi sobre as pessoas, mas não sinto nada, nenhuma influência sobre minha vida.

— Não consigo crer — confirma Sofia (17 anos). Para mim Deus é algo que o homem criou.

E Sônia (18 anos):

— Deus me foi imposto. E o introjetei tanto em minha mente que, ao duvidar de sua existência, ficava com sentimento de culpa. Mas não vejo sentido em rezar, dizendo para alguém que não conheço: «Te adoro, perdão pelos meus pecados...»

— É muito gostoso e confortável — retoma Paulo — acreditar num ser que nos dá o sentimento de segurança. Por isso, eu gostaria muito de acreditar em Deus. Procurei Deus, mas não senti a existência dele.

— E por que não procurar Deus nas pessoas? — questiona Fátima (18 anos).

— Mas por que não procurar as pessoas, simplesmente? — retruca Paulo.

— Para mim — diz Jeff (19 anos) — Deus se manifesta no relacionamento entre as pessoas. No momento em que criarmos um relacionamento com as pessoas, com a natureza, então vou acreditar em Deus.

— Se Deus simboliza o relacionamento entre as pessoas — retoma Paulo — para mim é simplesmente o relacionamento entre as pessoas. Não é Deus. O que você acha, Reinaldo?

— Por um bom período — respondo — eu me perguntei: “Será que Deus realmente existe? Não será uma idéia falsa que me inculcaram?” A um certo momento, percebi que a revelação cristã diz que “Deus é Amor”. E amor significa este relacionamento pelo qual as pessoas se realizam promovendo a realização dos outros. Daí pensei: o amor existe entre muitas pessoas que conheço, e se Deus é amor, então Deus existe.

E aí passei a compreender Deus não mais como um ser extraterreno que, lá de cima, fiscaliza as nossas ações e pensamentos. Comecei a ver Deus como o amor que se manifesta no relacionamento entre nós.

— Este raciocínio — retruca Paulo — pode estar correto, mas parte de uma afirmação gratuita: «Deus é amor».

— Na realidade não é uma afirmação tão gratuita assim. Em geral, entendemos Deus como aquele que corresponde às nossas necessidades mais profundas. E me parece que a necessidade mais profunda do ho-

até que “o amor ao próximo” é um tesouro do cristianismo, acredito nisso, mas não julgo necessário ser cristão para que isto seja a norma da minha vida». (José Antonio, 25 anos).

«Mas é mesmo necessário crer?»

«Mas, para viver, é realmente necessário crer? Discordo. Eu não creio em nada e no entanto vivo do mesmo jeito». Assim afirmou Jussara, 17 anos, e como ela existem muitos outros jovens que negam a necessidade de uma fé, de um motivo maior pelo qual viver, não querem nem colocar em jogo a existência de um Deus. Achrom realmente que é impossível crer.



mem é o amor. De fato, quando a gente estabelece com outros este relacionamento de doação e compreensão recíproca, a gente se sente realizado.

— Mas por ser esta uma experiência pessoal — interfere novamente Paulo — ela não pode ser questionada, nem ser comunicada a outros.

— E aí é que entra a fé. A fé é uma experiência pessoal e comunitária. Só posso entender Deus na medida em que participo desta experiência. Não se trata de uma idéia que se ensina. A fé pode se enunciar até num raciocínio lógico, como fiz antes, mas corresponde sobretudo a uma vivência. Enquanto a gente não fizer a experiência do amor, Deus fica sendo uma idéia abstrata. É como a namorada. O rapaz pode ficar imaginando a namorada ideal. Mas só quando estabelece um relacionamento de verdadeiro amor com uma jovem, é que a namorada passa a ser, para ele, uma pessoa real.

— Não deixei de procurar o amor, por ter deixado de procurar Deus — diz Paulo. Mas o que você chama de divino, eu chamo simplesmente de meu. Não sinto nada dentro de mim, além de mim mesmo. O que está dentro de mim sou eu. O que está fora são as coisas, os outros e mais nada.

— Mas o afeto que você sente por uma pessoa — interfere Fátima — está dentro de você e, ao mesmo tempo, o ultrapassa, porque impele você para o relacionamento com outro. Acho que Deus é assim: está dentro da gente e nos ultrapassa.

— O que eu recuso — entra Jeff — é um Deus que não tem nada a ver com a gente. Mas se Deus é Amor, quem é que não gosta de amar e ser amado, quem é que recusa o amor?

— Mas então — diz Paulo — tudo é questão de palavras. É só substituir a palavra Deus, pela palavra Amor, que não mais vamos achar ateus entre os jovens. E aí vou me convencer que não sou ateu.

— De fato — retomo — nos primeiros tempos do cristianismo, as pessoas passavam a acreditar no Deus dos cristãos observando o relacionamento entre eles: «Olha como se amam». E não: «Olha como falam bonito!» Não se tratava de idéias ou palavras, mas Deus se manifestava em pessoas que se amavam concretamente.

— Então — pergunta Fátima — se eu procuro o amor, eu procuro Deus?

— Se a gente comparar — respondo — a exigência de autenticidade e amor, que os jovens manifestam, com o que Jesus diz «Amai-vos uns aos outros...», «Que todos sejam um», «Dizes isto por ti mesmo, ou foram os outros que te disseram?», você vai notar que se encaixam. Muitos rapazes e moças me disseram não acreditar em Deus. Mas já percebi: o que a maioria recusa mesmo é aquela falsa idéia de um Deus fora de nossa realidade, que favorece a opressão e a quem a gente recorre para justificar nosso comodismo e covardia. Cheguei a me convencer de que esta declaração de ateísmo é motivada, em muitos casos, por uma busca autêntica do Deus entre nós.

Reinaldo M. Fleuri

Pelo resultado da pesquisa é possível ver que uma grande causa está na própria sociedade tecnocrata e nos compromissos com ela. O que vale é o consumo, mostrar que se possui o novo, o artigo da última moda, com “aquela” etiqueta famosa. A procura de algo diferente, talvez até melhor, é abafada, e a capacidade humana de pensar vai sendo tolhida. Aumenta a emotividade, a capacidade de escolher entre uma coisa e outra, entre relativo e absoluto. «A dúvida já parece ser um sinal de que não creio», comentou Marcelo. E’ lógico, então, não crer e mirar objetivos mais imediatos: amor, amizade, trabalho, luta, casamento, justiça, prazeres... Tem-se a impressão de uma

volta às divindades gregas, personificando qualidades particulares e aspirações humanas.

Mas seria muito fácil culpar totalmente a sociedade ocidental deste ateísmo existente entre os jovens. Seria fácil, mas seria também pouco cristão fazê-lo e fechar os olhos diante dos erros da “nossa parte” (que nesse caso não deveriam existir). De fato, muitos jovens encontram a causa de sua falta de fé no comportamento de quem se diz cristão. A hipocrisia, a falta de coerência entre o que se diz e o que se faz, são, para muitos, um grande estímulo ao ateísmo, especialmente agora que a família está deixando cada vez mais de cumprir a sua função específica de atenuar e reequilibrar as diversas tensões a que um jovem é exposto em sua vida

cotidiana. Em outras palavras, falta testemunho de vida cristã.

Intimamente ligada a isso, há também uma incapacidade de transmitir os autênticos conteúdos da fé e de transformá-los em diálogos que respondam aos interrogativos, às exigências intelectuais e culturais que os jovens têm, e para os quais não encontram solução na família, na escola, etc. A esta altura, devemos considerar todos aqueles que se dizem membros de famílias tradicionalmente cristãs que não vivem de acordo com o Evangelho. «O modelo de comportamento, de vida, é o cristão. Considero o Evangelho como algo excepcional... e os cristãos não sabem disso...» disse Margarida, 23 anos. Mas esse cristianismo “hereditário” não é uma grande consolação.

Uma última reflexão. «Posso até afirmar que creio. Mas creio muito no homem, e, acreditando nele, sei que existe também Deus, mas um Deus que não sei se pode ser aceito como tal, isto é, não creio em nada fora do homem» — disse Alberto, 22 anos. Talvez aqui esteja o ponto central da questão. Deve-se descobrir o Deus que, sendo transcendente, vive em nós e entre nós, um Deus, por assim dizer, “presente entre os homens”. Descobrir esse Deus é a grande aspiração do jovem hoje — mesmo se escondida atrás das mais variadas expressões e confusões ideológicas, históricas e teológicas. Inegavelmente, é real a exigência de algo absoluto, mas não se aceita mais que este absoluto exclua o homem, colocando-o num canto desconhecido do nosso universo. E como essa tendência ao absoluto deve transparecer de alguma forma, surge então essa grande variedade de expressões em que se desvanece a fé de centenas de jovens, reflexo de toda a juventude que não se encontrou.

Existe, em poucas palavras, a falta de um ponto de união entre o humano e o divino, que seria Cristo. Já não é mais aceita uma religião que separe esses dois planos.

Então, desse ponto de vista, muitas das coisas que num primeiro momento poderiam parecer negativas, ou pelo menos insignificantes, adquirem um valor bem diferente. Mesmo as numerosas reações de rejeição, como a repulsa de um Deus opressor, ou a insegurança das pessoas que crêem, até a separação de Deus da Igreja... como disse um jovem entrevistado: «Eu não vi Deus, mas acho até que me agradaria encontrá-lo».

Dar a conhecer Deus. Deus pode se manifestar principalmente através do testemunho de quem deitou raízes profundas em sua fé, ao ponto de traduzi-la em amor, em vida, em comunhão, e não em divisão. É este, pois, o caminho a seguir.

Reinaldo M. Fleuri e
Iolanda Maria Gaspar